

— Submeto-me a qualquer trabalho, nesta colonia de realização e paz.

Com um profundo olhar de simpatia, respondeu:

— Meu amigo, não posso apenas verdades amargas. Tenho igualmente a palavra de estímulo. Não pode ainda ser médico em "Nosso Lar", mas poderá assumir o cargo de aprendiz, oportunamente. Sua posição atual não é das melhores; entretanto, é confortadora, pelas intercessões chegadas ao Ministerio do Auxilio, a seu favor.

— Minha mãe? — perguntei inebriado de alegria.

— Sim — esclareceu o ministro — sua mãe e outros amigos, no coração dos quais você plantou a semente da simpatia. Logo após sua vinda, pedi ao Ministerio do Esclarecimento providenciasse a obtenção de suas notas, que examinei atentamente. Muita imprevidência, numerosos abusos e muita irreflexão, mas, nos quinze anos de sua clínica, também proporcionou receituário gratuito a mais de seis mil necessitados. Na maioria das vezes, praticou esses atos meritorios, absolutamente por troca; mas, presentemente, pode verificar que, mesmo por troca, o verdadeiro bem espalha bênçãos em nossos caminhos. Desses beneficiados, quinze não o esqueceram e têm enviado, até aqui, veementes apelos a seu favor. Devo esclarecer, no entanto, que mesmo o bem que proporcionou aos indiferentes surge aqui a seu favor.

Concluindo, a sorrir, as elucidações surpreendentes, Clarencio acentuou:

— Aprenderá lições novas em "Nosso Lar" e, depois de experiências utéis, cooperará eficientemente conosco, preparando-se, para o futuro infinito.

Sebia-me radiante. Pela primeira vez, chorei de alegria na colonia. Oh! quem poderá entender, na Terra, semelhante jubilo? Por vezes, é preciso se cale o coração no grandiloquente silêncio divino.

XV

A VISITA MATERNA

Atento às recomendações de Clarencio, procurava reconstituir energias, para recomeçar o aprendizado. Novo tempo, talvez me sentisse ofendido com as observações aparentemente tão ríspidas; mas, naquelas circunstâncias, lembrava meus erros antigos e sentia-me confortado. Os fluidos carnais compeliam a alma a profundas sonolências. Em verdade, apenas agora reconhecia que a experiência humana, em hipótese alguma, poderia ser levada à conta de brincadeira. A importânci da encarnação na Terra surgia-me aos olhos, evidenciando grandezas até então ignoradas. Considerando as oportunidades perdidas, reconhecia não merecer a hospitalidade de "Nosso Lar". Clarencio tinha dobradas razões para falar-me com aquela franqueza.

Passei dias entregue a profundas reflexões sobre a vida. No íntimo grande ansiedade de rever o lar terreno. Abstinha-me, porém, de pedir novas concessões. Os benfeiteiros do Ministerio de Auxilio eram excessivamente generosos para comigo. Adivinhavam-me os pensamentos. Se até ali não me haviam proporcionado satisfação espontânea a semelhante desejo, é que tal propósito não seria oportuno. Calava-me, então, resignado a alguma tristeza. Fazia o possível por alegrar-me com os seus parceros consoladores. Eu estava, porém, nessa fase de recolhimento inexprimível, em que o homem é chamado a dentro de si mesmo, pela consciência profunda.

Um dia, contudo, o generoso visitador penetrou, radiante, no meu apartamento, exclamando:

— Adivinhe quem chegou a sua procura!

Aquela fisionomia alegre, aqueles olhos brilhantes de Lísias, não me enganavam.

— Minha mãe! — respondi confiante.

Olhos arregalados de alegria, vi minha mãe entrar de braços estendidos.

— Filho! meu filho! Vem a mim, querido men!

Não posso dizer o que se passou então. Senti-me criança, como no tempo em que brincava à chuva, pés descalços, na areia do jardim. Abracei-me a ela carinhoso, chorando de júbilo, experimentando os mais sagrados transportes de ventura espiritual. Beijei-a repetidas vezes, apertei-a nos braços, misturei minhas lágrimas com as suas lágrimas, e não sei quanto tempo estivemos juntos, abraçados. Afinal, foi ela quem me despertou do enlèvo, recomendando:

— Vamos, filho, não te emociones tanto assim! A alegria também, quando excessiva, costuma castigar o coração.

E, em vez de carregar minha adorada velhinha nos braços, como faria na Terra, nos derradeiros tempos de sua romagem por lá, foi ela quem me enxugou o pranto copioso, conduzindo-me ao divan.

— Estás ainda fraco, filhinho. Não desperdices energias.

Sentei-me a seu lado e ela, cuidadosamente, ajeitou-me a fronte cansada, em seus joelhos, afagando-me de leve, confortando-me à luz de santas recordações. Senti-me, então, o mais venturoso dos homens. Guardava a impressão de haver o barco de minha esperança ancorado em porto mais seguro. A presença maternal constituía infinito recomforto ao meu coração. Aqueles minutos davam-me a idéia dum sonho tecido em trama de felicidade indizível. Qual menino que procura detalhes, fixava-lhe as vestes, cópia perfeita de um dos seus velhos trajes caseiros. Notando-lhe o vestido escuro, as meias de lã, a mantilha azul, contemplou a cabeça pequenina, aureolada a fios de neve, as rugas do rosto, o olhar

doce e calmo de todos os dias. Mãos trêmulas de contentamento, acariciava-lhe as mãos generosas, sem conseguir articular uma frase. Minha mãe, todavia, mais forte que eu, falou com serenidade:

— Nunca saberemos agradecer a Deus tamanhas dívidas. O Pai jamais nos esquece, meu filho. Que longo tempo de separação! Não julgues, porém, que me houvesse esquecido. Às vezes, a Providência separa os corações, temporariamente, para que aprendamos o amor divino.

Identificando-lhe a ternura de todos os tempos, senti que se me reavivavam as chagas terrenas. Oh! como é difícil alijar resíduos trazidos da Terra! Como pesa a imperfeição acumulada em séculos sucessivos! Quantas vezes ouvira conselhos generosos de Clarcencio, observações fraternais de Lísias, para esquecer e renunciar às lamentações; mas, ao carinho maternal, como que se reabriam velhas feridas. Do pranto de alegria passei as lágrimas de angústia, relembrando exacerbadamente os trâmites terrestres. Não conseguia atinar que a visita não era para satisfação dos meus caprichos, e sim preiosa bênção do acréscimo de misericórdia divina. Copiando antigas exigências, conclui erroneamente que minha progenitora deveria continuar como repositório de minhas queixas e males sem fim. Na Terra, quase sempre, as mães não passam de escravas, no conceito dos filhos. Raros lhes entendem a dedicação antes de as perder. Na mesma falsa concepção de outros tempos, desabei para o terreno das confidências dolorosas.

Minha mãe ouviu-me calada, deixando transparecer inexprimível melancolia. Olhos úmidos, aconchegando-me de quando em quando mais estreitamente, ao coração, falou carinhosa:

— Oh! filho, não ignoro as instruções que o nosso generoso Clarcencio te ministrou. Não te queixes. Agradeçamos ao Pai a bênção desta reaproximação. Sintamo-nos agora numa escola diferente, onde aprendemos a ser filhos do Senhor. Na posição de mãe terrestre, nem sempre consegui orientar-te como convinha. Também eu trabalhei, pois, reajustando o coração. Tuas lágrimas

fazem-me voltar á paisagem dos sentimentos humanos. Alguma cousa tenta operar o retrocesso de minha alma. Quero dar razão aos teus lamentos, erigir-te um trono, qual se fôrás a melhor criatura do Universo; mas, essa atitude, presentemente, não se coaduna com as novas lições da vida. Esses gestos são perdoáveis nas esferas da carne; aqui, porém, filho meu, é indispensável atender, antes de tudo, ao Senhor. Não és o unico homem desencarnado a reparar os proprios erros, nem sou a unica mãe a sentir-me distante dos entes amados. Nossa dor, portanto, não nos edifica pelos prantos que vertemos, ou pelas feridas que sangram em nós, mas pela porta de luz que nos oferece ao espírito, a-fim-de sermos mais compreensivos e mais humanos. Lagrimas e úlceras constituem o processo de bendita extensão dos nossos mais puros sentimentos.

Depois de longa pausa, em que a conciencia profunda me advertia solene, minha mãe prosseguia:

— Se é possível aproveitar estes minutos rápidos, em expansões do amor, porque desvia-los para a sombra das lamentações? Regozijemo-nos, filho, e trabalhemos incessantemente. Modifica a atitude mental. Conforta-me tua confiança em meu carinho, experimento sublime felicidade em tua ternura filial, mas não posso retroceder nas minhas experiencias. Amemo-nos, agora, com o grande e sagrado amor divino!

Aquelas palavras benditas me despertaram. Guardava a impressão de fluidos vigorosos que partiam do sentimento materno vitalizando-me o coração. Minha mãe me contemplava desvaneida, mostrando belo sorriso. Ergui-me, respeitoso e beijei-a na fronte, sentindo-a mais amorosa e mais bela que nunca.

XVI

CONFIDÉNCIAS

Consolou-me a palavra maternal, reorganizando-me energias interiores. Minha mãe comentava o serviço como se fôrava uma bênção, referia-se ás dores e dificuldades, levando-as a crédito de alegrias e lições sublimes. Inesperado e inexprimível contentamento banhava-me o espírito. Aqueles conceitos alimentavam-me de estranho modo. Sentia-me outro, mais alegre, animado e feliz.

— Oh! minha mãe! — exclamei comovido — deve ser maravilhosa a esfera da sua habitação! Que sublimes contemplações espirituais, que ventura...

Ela esbogou um sorriso significativo e obtemperou:

— A esfera elevada, meu filho, requer, sempre, mais trabalho, maior abnegação. Não suponhas que tua mãe permaneça em visões beatificas, á distância dos deveres justos. Devo fazer-te sentir, no entanto, que minhas palavras não representam qualquer nota de tristeza, na situação em que me encontro. E' antes revelação de responsabilidade necessaria. Desde que voltei da Terra, tenho trabalhado intensamente pela nossa renovação espiritual. Muitas entidades, desencarnando, permanecem agarradas ao lar terrestre, a pretexto de muito amarem os que demoram no mundo carnal. Ensinaram-me, aqui, todavia, que o verdadeiro amor, para transbordar em benefícios, precisa trabalhar sempre. Desde minha vinda, então, procuro esforçar-me por conquistar o direito de ajudar aqueles que tanto amamos.